

MUNDO COMO SIGNIFICATIVIDADE EM SER E TEMPO

Naiane Meireles de Almeida Bastos¹; Tatiane Boechat Abraham Zunino²;

1. Bolsista PROBIC/CNPq, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nai_meireles@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tatiboechat@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: significação; manualidade; compreensão.

INTRODUÇÃO

A questão filosófica sobre a linguagem e seu funcionamento foi tratada contemporaneamente a partir da crítica ao significado e à sua cristalização no enunciado. Martin Heidegger (1889 – 1976) procura em sua obra “Ser e Tempo” retomar a análise do homem em sua existência e em sua relação com o sentido de forma a alcançar um questionamento mais originário sobre o que entendemos por linguagem. Repensar esta questão implica refazer a pergunta pelo modo como algo como o sentido ocorre para o homem. Nesse momento, Heidegger já não fala no homem a partir da ideia tradicional de “animal racional”, mas o toma em suas bases ontológicas, referindo-se a ele com “Dasein”, aquele que tem *lógos*, aquele que se mostra existencialmente como o âmbito de comparecimento dos entes em geral e, portanto, do sentido do ser de todos os entes. Homem e mundo, ser e linguagem, representam uma relação constitutiva na qual a significação e a própria linguagem podem se manifestar justamente por ser parte da estrutura do homem, ser *em* um mundo. Assim, a noção de mundo de Heidegger é o que nos propomos investigar neste projeto, na medida em que pensar o mundo é pensar o vivido pelo *Dasein*, é pensar a sua relação com o ente intramundano e sua referencialidade mais própria. Assim, o *Dasein* não manterá uma relação meramente cognoscitiva com o que o rodeia. Antes de supor uma correspondência entre coisas separadas, palavras e coisas, homem e mundo, no qual o mundo seria um conjunto de entes, Heidegger pensa o homem a partir de sua existência como ser-no-mundo e somente a partir desta caracterização existencial e ontológica é que o conhecimento e a enunciação podem se tornar possíveis. Mundo vem a ser aquilo, portanto, desde o qual o *Dasein* se projeta. Este trajeto se justifica porque nos encaminha ao entendimento de que o significado enraíza-se nas relações de significação do ser-no-mundo, enquanto uma possibilidade estrutural do homem, e apesar de podermos relacioná-lo às palavras, o sentido será anterior às próprias palavras, pois o sentido é inerente à existência. A perspectiva na qual um ente aparece com sentido se dá porque ao ser do *Dasein* pertence uma compreensão de ser. Como diz Heidegger no §18 de *Ser e Tempo*: “Se convém essencialmente ao Dasein o modo de ser-no-mundo, é que a compreensão de ser-no-mundo pertence ao acervo essencial de sua compreensão de ser”. E a estrutura dessa perspectiva constitui o que se chamamos de mundanidade do mundo. A mundanidade do mundo servirá para atestar, portanto, a questão da anterioridade do sentido em relação às palavras na medida em que a significância o constitui, ou seja, ela afirma o modo do sentido se dar enquanto conjuntura ou uma rede de referências constitutivas. Haveria, portanto, uma familiaridade do homem com o contexto desde o qual toda significação se torna possível.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Materiais: Foram utilizados livros, artigos, resenhas, teses, dissertações e dicionários como ferramenta específica da pesquisa filosófica.

Métodos: A metodologia adotada foi a da pesquisa bibliográfica, cujo objetivo central se constitui numa consulta sistemática e cuidadosa às fontes escritas de filósofos e comentadores relacionados ao tema e ao objetivo do projeto. O desenvolvimento da pesquisa tem como passo investigativo fundamental a leitura e análise de textos e conferências publicadas de Heidegger que estão relacionadas à questão proposta, bem como, outros meios impressos e digitais da literatura comentada.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A obra *Ser e Tempo* (1927) do filósofo Martin Heidegger (1889-1976), apresenta o mundo como significatividade. Mundo é entendido por Heidegger como aquele que desvela o próprio *Dasein* em sua totalidade. O *Dasein* só pode ser o que é sendo no mundo e “ser-no-mundo” implica uma transcendência ontológica pertencente somente a ele.¹

Segundo o filósofo, a mundanidade do mundo é um fenômeno. Pensar fenomenologicamente o mundo requer um “deixar e fazer ver o que se mostra no ente dentro do mundo” (HEIDEGGER, 2006, p.103). Assim sendo, as coisas que aparecem no mundo como, por exemplo, prédios, homens, mares, são todos entes. Estes entes são prenúncios de investigação do próprio ser. E são chamados por Heidegger de “intramundanos”, pois, encontram-se dentro do mundo. A relação do *Dasein* com os entes intramundanos implica no desvelamento destes entes.

Quando falamos em “ser junto à” estamos pressupondo um modo de ser existencial do *Dasein* e de sua relação junto ao ente. Observemos a seguinte proposição: “Este caderno é preto”, suponhamos que este caderno pertence a determinado escritório de determinada pessoa. Falar no caderno não nos mantém apenas junto a ele, mas, também estamos junto aos demais objetos que o rodeiam, como a mesa que o sustenta, a sala que comporta a mesa, a porta que está na sala, todas as coisas que rodeiam este ambiente onde o caderno está vem ao nosso encontro a partir de quando falamos em caderno, por meio dele, voltamos nossa atenção para estas coisas que antes mesmo de notarmos já estavam ali.

Quando falamos em compartilhar a verdade das coisas estamos falando na lida que temos com elas. Sua verdade se dá na serventia que elas mostram ou possibilitam, no seu para quê.

Então, o que seria “mundo”? O simples dar-se do desvelamento de algo proporia pensarmos mundo? Seria a designação de algo em que estes entes se encontram? Mundo seria um caráter do *Dasein*? Estes são alguns dos questionamentos

¹ Heidegger designará o homem por *Dasein*, aquele que dá sentido às coisas, o ente dos entes. O *Dasein* é o único no mundo que pode questionar sua existência, ele é o ente que compreende o ser, ou seja, compreende o ser em sua existência e que também ele (*Dasein*) entende que existir é uma de suas possibilidades.

que Heidegger propõe-nos. Para abarcar todos estes questionamentos ele traz para a cena de seu pensamento o conceito de “mundanidade do mundo”.

O termo “mundanidade” será tratado numa análise ontológica e faz parte da constituição do momento do *Dasein* no mundo.

. Neste sentido de mundo ele pressupõe também o “mundo circundante” (mais próximo ao *Dasein*) e o “mundo público” comum a todos. Apresentando-nos assim a estrutura para se pensar o fenômeno da mundanidade que designa mundo como conceito ontológico existencial. Pois, o que o filósofo chama de “mundanidade” se dá também no mundo.

Deste ponto, investigando o “ser-no-mundo” em seu cotidiano, atinge-se também o fenômeno mundo. Ser “no” ou “em” um mundo não é um fenômeno como se algo estivesse dentro de outro algo, como um sapato numa caixa. “Ser-no mundo” é a transcendência do *Dasein* em relação ao ente em sua totalidade, transcender é “ser-no-mundo”.

O mundo mais próximo ao *Dasein* seria designado por Heidegger de “mundo circundante”. Quando se fala em “circundante” lembramos de algo que está ao nosso redor, do que está “circundo”. A demonstração fenomenológica do ser dos entes que se encontram mais próxima acontece por meio do ser-no-mundo, em seu mundo cotidiano que é o “modo de lidar” no mundo, ou seja, na lida que temos com os entes intramundanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Dasein é designado de “mundano” não como um ser simplesmente dado no mundo de qualquer maneira, o ser “mundano” é um modo de ser do próprio *Dasein*, ele tem a possibilidade de se compreender no mundo, porque é o único que tem conhecimento de que está no mundo, diferente dos entes intramundanos que só tem sentido porque o *Dasein* lhes dá sentido.

Heidegger está pensando em termos ontológicos e é somente a partir da retomada analítica do conceito de mundo, que antes fora tratado apenas como mais um ente aonde as coisas aconteciam, que seria possível compreender o *Dasein*, ou seja, não há *Dasein* sem mundo e não há mundo sem *Dasein*, um está intrinsecamente relacionado ao outro como uma unidade formadora de significatividade.

Para Heidegger, a metafísica tradicional além de ignorar o *Dasein* como ser-no-mundo, conseqüentemente, ignorou o fenômeno da mundanidade. A preocupação da ontologia tradicional era apenas com o ente intramundano, neste caso, o objeto de estudo era a natureza própria de algo. Porém, não é através deste ente que se pode explicar o fenômeno da mundanidade. É através da análise do *Dasein* que o conceito de mundo pode ser apreendido.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** – parte I. Trad. Marcia de Sá Cavalcante, 5ª edição. RJ: Vozes, 2006.

_____. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. RJ: Vozes, 2012.

_____. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASANOVA, M.A. **Compreender Heidegger**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ZARADER, M. **Heidegger e as palavras da origem**. Lisboa: Piaget, 1990.